



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Helou Doca, Heloisa

Mark Twain: inocente ou pecador?

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, núm. 1, 2009, pp. 79-84

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426641008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

# Mark Twain: inocente ou pecador?

Heloisa Helou Doca

Universidade de Marília, Av. Hygino Muzzi Filho, 1001, 17525-902, Campus Universitário, Marília, São Paulo, Brasil.  
E-mail: heloisahelou@hotmail.com

**RESUMO.** A leitura cuidadosa do texto do “Tratado de Paris”, em 1900, leva Mark Twain a concluir que a intenção política norte-americana era, claramente, a de subjugação. Declara-se, abertamente, antiimperialista, nesse momento, apesar das inúmeras críticas recebidas por antagonistas políticos que defendiam o *establishment* dos Estados Unidos. Após viajar para a Europa e Oriente, em 1867, como correspondente do jornal *Daily Alta Califórnia*, Mark Twain publica, em 1869, seu relato de viagem, *The Innocents Abroad or The New Pilgrim's Progress*. Nosso estudo demonstra que o autor, apesar das diversas máscaras usadas em seus relatos, narra histórias, culturas e tradições, tanto da Europa quanto do Oriente, já com os olhos bem abertos pelo viés antiimperialista. Faz uso da paródia, sátira, ironia e humor para dessacralizar impérios, monarcas e a Igreja que subjugavam os mais fracos, iluminando, desde então, os estudos sobre culturas. Nosso estudo, outrossim, faz uma reflexão sobre cultura, tradição e o olhar do viajante, justificando o “olhar inocente” do narrador em seu relato.

**Palavras-chave:** *The Innocents Abroad or The New Pilgrim's Progress*, Mark Twain, relato de viagem, paródia, antiimperialismo.

**ABSTRACT.** **Mark Twain: innocent or sinner?** After carefully reading the Treaty of Paris in 1900, Mark Twain concluded that the goal of U.S. policy was clearly one of subjugation. He openly declared himself an anti-imperialist at that time, in spite of the numerous criticisms he received from political opponents who supported the United States *status quo*. After traveling to Europe and the East in 1867 as a correspondent for *The Daily Alta California* newspaper, Mark Twain published his travel report, *The Innocents Abroad or The New Pilgrim's Progress* in 1869. Our study demonstrates that the author, in spite of using different guises in his reports, narrated histories, cultures and traditions – from both Europe and the East – with a viewpoint already imbued by his anti-imperialistic ideals. Twain made use of parody, satire, irony and humor within his texts in order to desecrate empires, monarchs and the Church – all of which subjugated the weak – thus shedding light on cultural studies since then. Likewise, our study reflects on themes such as culture, tradition and the traveler's eye, justifying the narrator's “innocent point of view” in his report.

**Key words:** *The Innocents Abroad or The New Pilgrim's Progress*, Mark Twain, travel report, parody, anti-imperialism.

## Introdução

Entre o final da Guerra Civil (1865) e o início do século XX, os Estados Unidos foram rápida e significativamente guiados à condição de potência imperialista, e é justamente nesse momento que Mark Twain escreve *The Innocents Abroad or The New Pilgrims' Progress*, um relato de viagem que descreve a excursão que Twain faz à Europa e Oriente, juntamente com mais 70 americanos, chamados pelo autor de peregrinos.

Seu relato nos leva a fazer várias considerações, pois, trata-se, primordialmente, de um livro que descreve culturas, raças e macropolítica – termo definido por Arac e Ritvo (1995) em *Macropolitics of Nineteenth-Century Literature* com foco no

nacionalismo e imperialismo – por meio de uma viagem transatlântica perscrutando outras culturas.

Professor da *Syracuse University*, nos Estados Unidos, Jim Zwick, em sua pesquisa, ainda em processo, faz um levantamento historiográfico de textos de Mark Twain que não foram publicados por interpelação da censura. Esses textos comprovam a postura antiimperialista twainiana, a partir de 1898 (ZWICK, 1992). Época em que, cuidadosamente, Mark Twain toma ciência da política externa e beligerante contida no *Tratado de Paris* que dava direito aos Estados Unidos de tomarem posse das Filipinas. Assim posto, Twain declara-se, abertamente, à sua nação como um antiimperialista apenas nessa época, apesar do inequívoco olhar imbuído pelo ideário contra impérios dado pelo

autor, em *The Innocents Abroad*, escrito em 1869.

### Material e métodos

Nosso estudo voltado para a elucidação da postura antiimperialista de Mark Twain, em *The Innocents Abroad*, deu-se por conta da pertinência do assunto – imperialismo – nos dias atuais. Valemos de alguns embasamentos teóricos de Edward Said sobre o tema, como vemos a seguir.

Para o crítico literário palestino, que não dissocia a cultura do imperialismo,

[...] é também o romance uma importante forma cultural; o objeto estético, cujas ligações com as sociedades de expansão na Inglaterra e na França são particularmente interessantes como tema do estudo sobre cultura (SAID, 1995, p. 11).

Seguindo a proposição de Said, referendamos o crítico literário pós-colonial, Homi K. Bhabha, ao afirmar que “as nações são narrativas” (BHABHA, 1995, p. 1). E, assim, refletindo, podemos assegurar que o poder de narrar ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas é muito importante para a cultura e para o imperialismo e constitui uma das principais conexões entre ambos.

A literatura dissidente sempre existiu nos Estados Unidos, ao lado do espaço público autorizado. Pode-se dizer que ela é de oposição ao desempenho nacional e oficial geral. Existem historiadores revisionistas, como William Appleman Williams (1921-1990); e também vigorosos críticos públicos, em plena militância, como Noam Chomsky (1928-) Todos importantes, não só como vozes individuais, mas também como participantes de uma corrente alternativa e antiimperial bastante considerável dentro do país (BETTI apud TWAIN, 2003).

Mark Twain chegou ao antiimperialismo pelos caminhos da incompreensão entre as raças. Já, na tenra idade, entendia o racismo nos Estados Unidos, de uma forma que poucos de seus contemporâneos anglo-americanos o faziam. Durante a Guerra Civil (1865), e como repórter em São Francisco, Mark Twain escreveu sobre as brutalidades sofridas pela população chinesa, causadas pela polícia nessa cidade, sem obter, porém, a permissão de publicação. “Vergonhosa Perseguição de um Garoto” foi publicado apenas em 1870, abordando o mesmo tema, dessa vez em forma de sátira paródica, marcada por uma ironia aguda e contundente.

Ainda, como correspondente do jornal *The Daily Alta California*, de São Francisco, Mark Twain viaja para a Europa e Oriente e anotando tudo que vê, transforma seus relatos em um livro de viagem. Narra, portanto, com humor e ironia as diferenças

entre a América e esses continentes visitados. Imerso em seu ideário democrático e contrário aos modelos de usurpações ilegais que tanto permeavam a história do Velho Mundo com a formação dos Impérios – Romano, Otomano, Britânico e até mesmo o Sacro – Twain, desenvolve seu relato.

Assim posto, o narrador de *The Innocents Abroad* faz uso de diferentes discursos que representam o *status quo* do cidadão americano. Desta maneira, ao dessacralizar as culturas e mitos do Velho Mundo, esse narrador torna-se a voz do americano impregnado pelo espírito nacionalista, refletindo, assim, sua própria identidade e, em algumas passagens, o seu desencanto com a “América Idealizada”, como constataremos a seguir no tópico subsequente.

### Resultados

O tom irreverente de Twain ao dessacralizar o Velho Mundo provocou opiniões díspares quando foram publicados nos jornais dos Estados Unidos partes de seu relato. *The New York Times* publicou uma nota afirmando que o autor “had no great respect for associations and surroundings” (SMITH, 1967, p. 38). Já, o jornal *The Syracuse Standard* incumbiu-se de publicar uma elaborada defesa relativa ao olhar depreciativo e irreverente que Twain lança a Jerusalém, durante sua visita.

Mark Twain sees just what all of us would see under the same circumstances; and he tells the truth about what he sees. The wit is his own; the phraseology is his own; but the eyes with which he sees are our eyes as well as his. They are not the eyes of the solemn old humbugs through which we have been forced to look so often. And thus the book becomes a transcript of our own sentiments (SMITH, 1967, p. 38).

A nota do *Syracuse Standard* ilustra bem o pensamento americano da época. A construção do *self-made man* não poderia ser ultrajada pelas culturas de outros povos e o olhar de Twain, de fato, retratava o próprio olhar do cidadão estadunidense.

A história do Mark Twain inocente é extremamente coerente ao espírito da cultura americana do século XIX. O herói não é vencido pelas forças da tirania e da superstição, nem se perde nos tortuosos corredores da história. É apropriado a ele fazer muitas piadas, boas e más ao longo de seu caminho, rir do sacro transformando-o em profano e, inclusive, usar uma variedade de máscaras, mesmo que essa pluralidade de identidades, algumas vezes, o transforme em um tolo.

Sob esse viés, Twain, narrador, tem um só propósito: mostrar ao leitor uma “nova realidade”,

disseminando novos campos de significados associados à sua cultura e negando a cultura de 'Outrem'. Segundo Eliade (1991, p. 174), "as imagens e símbolos constituem 'aberturas' para um mundo trans-histórico. Graças a elas, as diversas 'histórias' podem se comunicar".

Dando prosseguimento a nossa reflexão, podemos dizer que o narrador de *The Innocents Abroad* não deu a devida abertura para que as histórias, de fato, pudessem se comunicar ao travestir-se de "zombeteiro" e depreciar outras culturas e mitos; desencadeando, anos depois da publicação de *The Innocents Abroad*, acirrada crítica por parte de Said, ao assim referir-se ao autor, em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*:

[...] a experiência americana com o Oriente, antes da Segunda Guerra, era limitada. Solitários culturais como Melville interessavam-se por ele; *clínicos* como Mark Twain visitaram-no e também escreveram sobre ele (SAID, 2001, p. 295, grifo nosso).

A crítica do orientalista foi veemente, talvez pelo fato de desconhecer as propositais intenções do autor ao mesclar-se em variadas máscaras para compor seu estilo burlesco e, na verdade, parodiar o próprio povo ianque.

Em sua passagem pelo Líbano, Twain experimenta as tão famosas uvas orientais e, ao invés de apreciá-las, assim redige sua narrativa:

The Sunday-school books exaggerated it a little. The grapes are most excellent to this day, but the bunches are not as large as those in the pictures. I was surprised and hurt when I saw them, because those colossal bunches of grapes were one of my most cherished juvenile traditions (TWIN, 1997, p. 441).

Dessa forma, portanto, o narrador de *The Innocents Abroad*, ao negar o mito, quebra o espelho como uma forma de negar a si próprio – é a própria não-aceitação do Adão despido de um passado histórico.

Singrando mares e após dez dias de iniciada a excursão, Twain e peregrinos alcançam os Açores e, assim que lá aportam, o escritor-jornalista descreve suas primeiras impressões:

The community is eminently Portuguese – that is to say, it is slow, poor, shiftless, sleepy, and lazy. There is a civil governor, appointed by the King of Portugal; and also a military governor, who can assume supreme control and suspend the civil government at his pleasure. The islands contain a population of about 200,000, almost entirely Portuguese. Every thing is staid and settled, for the country was one hundred years old when Columbus discovered America (TWIN, 1997, p. 55).

A adjetivação depreciativa, usada na passagem, demonstra a indignação do narrador em virtude de sua observação quanto à tamanha morosidade dos habitantes das ilhas açorianas. Contrasta essa lentidão com o mundo de progresso e tecnologia que vivia a América, no final do século XIX. Twain não era apenas um americano, era um sulista que vivenciou, de perto, a Guerra Civil. O resultado dessa revolução foi a consolidação do capitalismo industrial, politicamente representado pelos republicanos.

Depois da Guerra Civil (1860-1865), os Estados Unidos contavam com um território unificado, uma rede de transportes em expansão, uma população em rápido crescimento impulsionado pela migração. É necessário ressaltarmos, portanto, que essa modernidade pós-guerra suscita uma desilusão em Twain. Todavia, convém ao narrador compor ironias e humor para esconder-se sob elas.

Em sequência, o narrador, em primeira pessoa, manifesta um posicionamento crítico em relação à Igreja Católica ao visitar uma catedral jesuíta, ainda nos Açores.

It is in communities like this that Jesuit humbuggery flourishes. We visited a Jesuit cathedral nearly two hundred years old, and found in it a piece of the veritable cross upon which our Saviour was crucified. It was polished and hard, and in as excellent a state of preservation as if the dread tragedy on Cavalry had occurred yesterday instead of eighteen centuries ago. But these confiding people believe in that piece of wood unhesitatingly (TWIN, 1997, p. 57).

Ao se referir aos jesuítas como "impostores", Twain denuncia o enriquecimento ilícito acumulado pela Santa Igreja desde os tempos anteriores às reformas religiosas, no século XVI, culminando na formação do Sacro Império. Denuncia também a ingênua credulidade dos fiéis que confiavam nos engodos que esses soldados de Cristo lhes faziam crer.

Ao perambular pelas ruas de Tanger, Twain visita o mercado, observa as pessoas e sua extrema pobreza que lhe pareciam, realmente, tão estrangeiras e faz seu relato sobre esses mouros.

They have also a small gold coin worth two dollars. And that reminds me of something. When Morocco is in state of war, Arab couriers carry letters through the country, and charge a liberal postage. Every now and then they fall into the hands of marauding bands and get robbed. Therefore, warned by experience, as soon as they have collected two dollars' worth of money they exchange it for one of those little gold pieces, and when robbers come upon them, swallow

it. The stratagem was good while it was unsuspected, but after that the marauders simply gave the sagacious United States mail an emetic and sat down to wait (TWIN, 1997, p. 81).

A passagem é uma denúncia social vista pelos olhos de um narrador que mirava a penúria daquele povo. O fato de Marrocos estar em constante estado de guerra gera uma taxa postal liberal e os mensageiros mouros são roubados por saqueadores. A indignação é tanta que, advertidos pela experiência, trocam os dólares que recebem por uma pequena peça de ouro e as engolem para não serem malogrados. O relato, no final da passagem, causa mal-estar, ao lermos que tais saqueadores, advertidos pela experiência, dão ao mensageiro uma droga para fazê-lo vomitar e sentam-se para esperar.

Apesar de a narrativa causar, no leitor, um estranhamento em relação ao ato escatológico de vomitar, não se observa ironia ou humor por parte da burlesca personagem twainiana. A máscara de que o narrador se serve, nesse momento, traduz a própria voz de Samuel Clemens – nascido no Mississippi e testemunha de tantas injustiças que acometeram seu povo.

O relato se desdobra, agora na França, mostrando um narrador diferente daquele que, anteriormente, fizera denúncias sociais deixando transparecer seu ideário antiimperialista, como podemos verificar no excerto que se segue:

We are not infatuated with these French railway cars, though. We took first class passage, not because we wished to attract attention by doing a thing which is uncommon in Europe, but because we could make our journey quicker by so doing. It is hard to make railroading pleasant, in any country. It is too tedious. Stage-coaching is infinitely more delightful. Once I crossed the plains and deserts and mountains of the West, in a stage-coach, from the Missouri line to California, and since then all my pleasure trips must be measured to that rare holiday frolic. Two thousand miles of ceaseless rush and rattle and clatter, by night and by day, and never a weary moment, never a lapse of interest! The first seven hundred miles a level continent, its grassy carpet greener and softer and smoother than any sea, and figured with designs fitted to its magnitude – the shadows of the clouds (TWIN, 1997, p. 106).

Twain-narrador, nesse momento, representa a voz do americano iconoclasta ao desestimar a tecnologia européia. Ao dizer que certa vez fizera uma viagem de diligência do Missouri à Califórnia e que fora extremamente agradável, o narrador mais uma vez blefa. Faz-se de tolo e provoca o humor.

A descrição da natureza norte-americana,

[...] com seu tapete de relva mais verde, mais macio e mais suave que qualquer mar e decorado com esboços talhados para a sua magnitude – as sombras das nuvens (TWIN, 1997, p. 106).

remete à questão da alteridade refletida por meio da natureza.

As nature seems to be the most radical representative for the Other, and the encounter with nature the most sharply marked experience of Otherness, literature, by its very nature, is also an active force in the struggle with the natural Otherness,

escrevem Larsen et al. (1997, p. 8), na Introdução do livro *Nature: Literature and its Otherness*.

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que o narrador de *The Innocents Abroad*, ao buscar na natureza da América o escopo de seu relato, encontra a própria imagem do norte-americano: aquele “inocente” que não crê encontrar na Europa as modernidades tecnológicas e nem mesmo as instituições republicanas do Novo Mundo e sim, pobreza, tirania e um “cansativo passado histórico”.

Quando o “inocente” narrador reitera, no trecho subsequente, a beleza da paisagem de sua América – esse narrador, mais uma vez, esforça-se em mostrar as discrepâncias entre o Novo e o Velho Mundo, demonstrando soberania.

But I forgot. I am in elegant France, now, and not scurrying through the great South Pass and the Wind River Mountains, among antelopes and buffaloes, and painted Indians on the war path. It is not meet that I should make too disparaging comparisons between hum-drum travel on a railway and that royal summer flight across a continent in a stage-coach. I meant in the beginning, to say that railway journeying is tedious and tiresome, and so it is – though at the time, I was thinking particularly of a dismal fifty-hour pilgrimage between New York and St. Louis. Of course our trip through France was not really tedious, because all its scenes and experiences were new and strange; but Dan says, it had its ‘discrepancies’ (TWIN, 1997, p. 107).

Há de se observar que esta soberania do americano remete-nos ao clássico shakespeariano, *The Tempest*, escrito em 1611. A peça retrata a soberania que vitimou tanto a natureza quanto o homem. Para Leo Marx, professor de Literatura nos Estados Unidos e pesquisador de temas que abordam as diferenças entre tecnologia e cultura americanas, nos séculos XIX e XX, *The Tempest* retrata o modelo típico da literatura norte-americana, pois está inserida em algumas obras de escritores clássicos como Melville, Thoreau e Mark Twain, cujos heróis saem em viagem em busca de sua própria identidade e ao retornarem à sociedade recuperam a sensação de perda que foi a razão de seu

“exílio temporário” (MARX apud LARSEN et al., 1997, p. 156).

Nesse sentido, Twain, ao sair da América e se deslocar rumo a diferentes lugares, busca reafirmar sua própria identidade de cidadão americano; um escapismo, talvez, do momento pós-guerra.

A Guerra Civil e o progresso das estradas de ferro encerraram os gloriosos dias em que o rio Mississippi representava a artéria central da nação. E a guerra, dando por encerrados os ricos dias do Mississippi, marcou também uma modificação na qualidade de vida da América que, para muitos, constituiu uma deterioração dos valores morais norte-americanos. “Mark Twain, particularmente, referia-se a algo que desaparecera da vida norte-americana depois da guerra: uma certa simplicidade, uma certa inocência”, referenda Lionel Trilling, em *Literatura e Sociedade* (TRILLING, 1953, p. 135).

Assim refletindo, a “soberania” vestida por Mark Twain, na passagem do trem europeu, é uma defesa pessoal por viver, no momento em que escreve seu relato de viagem, a perda do rio Mississippi que tanto encantou a sua infância.

## Discussão

Nas passagens do livro em que, claramente, percebemos ser narradas pela voz do autor, confirmamos sua postura contra impérios. A voz do autor, às vezes, amalgamada pela personagem burlesca denuncia impérios e imperadores, tiranos, déspotas, igreja e seu clérigo lançando luz ao oprimido, subjogado e usurpado.

Vários fragmentos da narrativa foram demarcados e analisados, cuidadosamente, provando que Twain, ao fazer essa viagem, revela as diversas faces do “inocente” americano, do homem desiludido com a depredação das belezas naturais de seu país, do ianque cheio de soberania, inconformado com os avanços tecnológicos europeus, do cidadão democrata, do jornalista convicto de que precisa ser sensacionalista para que o jornal seja bem recebido pelo público leitor, do autor que renova, na América, um estilo narrativo e, principalmente, do pensamento antiimperialista do Sr. Clemens.

É mister enfatizarmos que os diversos narradores encontrados no relato de viagem de Twain, e que se alternam constantemente e expõem pontos de vista conflitantes sobre um mesmo fato, servem como alerta para que o leitor se conscientize de que o livro de viagem trabalha com as várias versões que os olhos do viajante flagram.

A questão da alteridade, proposta por Todorov nas narrativas de viagem, de fato, faz-se presente ao

deflagrarmos com o olhar do viajante que, em sua relação com o Outro, julga-lhe bom ou mau, “me é igual ou me é inferior” (TODOROV, 2003, p. 269). Há, também, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao Outro, o narrador identifica-se com ele, ou então o assimila, impondo-lhe sua própria imagem. “Entre a submissão ao Outro e a submissão do Outro, há ainda a neutralidade ou a indiferença”, ressalta o autor referendado.

## Conclusão

Ao concluirmos, podemos dizer que o livro de viagem de Twain inaugura na literatura norte-americana um novo olhar que o narrador lança à Europa e ao Oriente. Diante dessa nova visão, podemos afirmar que apesar da construção de sua personagem, em alguns momentos, dessacralizar culturas de ‘Outrem’, Mark Twain parodia a própria visão da América diante da abertura de novas perspectivas culturais e imperiais e estabelece, por meio da paródia do próprio ianque, uma proposta de um ‘abrigo cultural’, ao invés de realçar a extensão da consciência exílica aqui exercida pelo *self-made man*. Constatamos, em suma, que o cidadão Mark Twain se vale de um ‘Twain-narrador’ inocente e tolo com intenções de consolidar o espírito democrático e justo em uma América já tão contaminada por “diferentes” e “diferenças”.

Damos, portanto, a sentença final a Mark Twain: não, o narrador de *The Innocents Abroad* não é um pecador. É inocente!

## Referências

- ARAC, J.; RITVO, H. **Macropolitics of nineteenth-century literature**: nationalism, exoticism, imperialism. London: Duke University Press, 1995.
- BHABHA, H. K. **Nation and narration**. London: Routledge, 1995.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LARSEN, E. S.; NOJGAARD, M.; PETERSEN, A. B. **Nature**: literature and its otherness. Gylling: Odense University Press, 1997.
- SAID, E. W. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottiman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAID, E. W. **Orientalismo**: o oriente como invenção do ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SMITH, H. N. **Mark Twain**: the development of a writer. New York: Atheneum, 1967.
- TODOROV, T. **A conquista da América**: a questão do outro. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TRILLING, L. **Literatura e sociedade**. Trad. Rubem Rocha Filho. Rio de Janeiro: Ed. Lido, 1953.

TWAIN, M. **The innocents abroad or the new pilgrim's progress**. New York: Oxford University Press, 1997.

TWAIN, M. **Patriotas e traidores**: antiimperialismo, política e crítica social. Trad. Paulo César Castanheira. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ZWICK, J. **Mark Twain's weapons of satire**: anti-

imperialist writings on the Philippine-American War  
Syracuse: Syracuse University Press, 1992.

*Received on August 16, 2007*

*Accepted on February 1, 2008*

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.